



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

UM MUSEU EM UM CENTRO HISTÓRICO – CORRELAÇÕES DO MUSEU  
HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, COM O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO  
JOSÉ / SC.

Rodrigo de Souza Fagundes

**Florianópolis, novembro de 2013.**

UM MUSEU EM UM CENTRO HISTÓRICO – CORRELAÇÕES DO MUSEU  
HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, COM O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO  
JOSÉ / SC.

Rodrigo de Souza Fagundes

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal  
de Santa Catarina como requisito  
parcial para conclusão da disciplina  
- ANT 7112 do Curso de  
Bacharelado em Museologia.

Orientador:

Profº Dr. Rafael Victorino Devos

UM MUSEU EM UM CENTRO HISTÓRICO – CORRELAÇÕES DO MUSEU  
HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, COM O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO  
JOSÉ / SC.

Rodrigo de Souza Fagundes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito parcial para conclusão da disciplina - ANT 7112 do Curso de  
Bacharelado em Museologia. E a obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Rafael Victorino Devos

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Letícia Borges Nedel

---

Prof<sup>a</sup> Dra. María Eugenia Domínguez

## Agradecimentos / Dedicatória

A Deus Pai criador de todas as coisas. Ao seu Filho Jesus Cristo meu único e suficiente Senhor e Salvador. Ao Espírito Santo consolador e Deus presente.

A minha família pela compreensão com minhas leituras e ausências.

Aos colegas de UFSC no curso de Bacharelado em Museologia. Os que começaram comigo, aos que resistiram, e os que se achegaram, foi realmente uma longa jornada.

E aos colegas do Museu Histórico Municipal de São José – MHMSJ. Principalmente na figura de sua diretora Vera Pizzato, minha grande incentivadora.

Aos amigos e colegas que ganhei na Museologia, com Mauricio Rafael, que tanto me ajudou no Estágio.

E a um amigo e mestre que fiz nestes anos de Museologia, meu orientador de Estágio e de TCC. Professor Doutor Rafael Victorino Devos.

Há todos muito obrigado.

Dedicado a minhas meninas

Caryne e Isabela

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO I - <u>O museu da cidade e a cidade do museu – breve histórico.</u>	08
CAPÍTULO II - <u>Percepções: Centro Histórico – Museu Histórico – Centro Urbano.</u>	
<u>Entrevistas, questionários, impressões.</u>	17
CAPÍTULO III - <u>Os usos do museu: Seu(s) público(s), suas interações.</u>	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXOS	36

## Introdução

Busco entender, investigar, e mesmo vociferar uma série de questões que se referem ao Museu Histórico Municipal de São José, no que tange suas relações, correlações, interações e interpretações junto ao Centro Histórico da cidade de São José, no estado de Santa Catarina.

Com isso observar e interagir com seus públicos, com sua dinâmica de apresentação, ação e divulgação, espontânea e não espontânea.

Pensando em temas que perpassam, por memória, identidade, centralidade, patrimônio, paisagem, lugares, saberes, e claro Museologia.

Trabalhando com uma perspectiva tal qual Gilberto Yunes, onde.

“Entender e viver a paisagem de um lugar é incluir-se no processo cultural de sua formação. A idéia de identidade e de patrimônio passa a ser elemento de conexão entre o indivíduo e os produtos gerados por suas ações sobre o ambiente e a natureza.”<sup>1</sup>

Discutir questões como centro, cidade, museu, memória, patrimônio, paisagem, nesta perspectiva do centro histórico e do museu histórico. Que apropriações podem ser feitas, que percepções as pessoas que vivem ali tem? Que visitam estas locais? De forma espontânea, em vistas guiadas?

Em Museologia, de tempos atrás, ou mesmo o senso comum, via o museu como circunspecto as suas paredes, ao seu acervo. Mas vislumbrando o que já estudamos em nosso curso, a Nova Museologia Social, as temáticas da Museologia produzida no Brasil, e mesmo o que experienciamos em visitas e relatos, os museus tem que alargar suas tendas, ir ao encontro de seu público, ou até mesmo cria-lo e recria-lo.

É nesta linha de raciocínio que tento agora demonstra o que foi pesquisado, aferido e ruminado, junto à teoria, as leituras a orientação.

Cabe também colocar que eu sou Florianopolitano, mas da parte continental, que foi até a década de 1940, parte integrante de São José. Minha família por parte de Mãe

---

<sup>1</sup>YUNES, Gilberto Sarkis ; FLORIANO, Cesar. *Identificação e Estratégias de Preservação das Paisagens Culturais da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis*. In: *Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto*. Belo Horizonte, FAU-UFMG, 2010. P 01.

(Pereira, Silva, Souza) é das imediações do Centro Histórico de São José. Assim, como hoje sou funcionário da Prefeitura Municipal de São José, atuando por convênio no Museu Histórico Municipal. Vivi e vivo muito destas referências, de centralidade, de preconceito, de espacialidades, entre São José, o Estreito, a Ilha, a Capital, e o Centro (de São José, de Florianópolis, de Santa Catarina).

No tocante a metodologia, uma das fontes utilizadas forma entrevista e questionários. Desta forma foram aplicados questionários na casa dos 30 exemplares, retornando preenchidos somente 17 deles. Destes 17 questionários, 6 tornaram-se entrevistas. Pouco é verdade, mas o possível para o tempo e premência das entregas.

Assim sendo, é um estudo de seu entorno, e as apropriações de seu público, trariam luz a novas práticas museais. E por que até de mim mesmo.

## Capítulo I

### O museu da cidade e a cidade do museu – breve histórico.

Tentar entender as correlações existentes, visíveis, invisíveis, produzidas, fabricadas, ou mesmo as não feitas entre o Museu Histórico da Cidade de São José/SC, e seu ponto de colocação, o atual Centro Histórico da Cidade, é o que eu pretendo.

Assim como entender, de que forma, quando e onde o centro da Cidade deixou de ser Centro para ser Centro Histórico? Que outros Centros existem, se é que existem?

O Museu Histórico Municipal de São José (MHMSJ), da cidade de São José/SC, nasceu a partir da iniciativa de membros da comunidade josefense em salvaguardar um dos sobrados mais antigos da cidade, afirmar-se que é o mais, que se encontrava em processo de adiantada degradação.

Considerado o edifício mais antigo do município, ganhou espaço na programação “Viva São José – 262 anos” por ter sido testemunha de vários acontecimentos de grande relevância histórica para a região, fazendo parte da própria identidade cultural dos Josefenses.<sup>2</sup>

Construído entre o final do século XVIII e o início do século XIX, pela família Ferreira de Mello (em recursos, mas com o trabalho efetivo de escravos) e com características da arquitetura colonial luso-brasileira, o casarão passou por um processo de restauração iniciado em 1984 vindo a ser aberto à visitação em 1988. Atualmente o prédio que abriga o Museu Histórico Municipal de São José, e é considerado como de utilidade pública e tombado em âmbito estadual pela lei nº 5846/1980, do governo do Estado de Santa Catarina. Foi o primeiro prédio tombado no município, e junto da Igreja Matriz, os únicos com proteção estadual.

São José da Terra Firme, nome original da cidade, atualmente apenas o nome do Santo, é quarta cidade fundada em Santa Catarina, no ano de 1750. Esta data de meados do século XVIII, dá à cidade a primazia dentre todas as demais “São José” Brasil a fora. Todas as outras cidades, batizadas de São José tem, que utilizar o complemento, como São José dos Campos (SP), São José dos Pinhais (PR), São José do Norte (RS), São José do Belmonte (PE), São José de Ribamar (MA), dentre outras. Porém, apenas

---

<sup>2</sup> <http://guiafloresta.net.br/lernoticia.php?id=73>, acesso em 10/10/2013.



São José, com pronome pátrio – josefense: é esta. Da região Metropolitana de Florianópolis, a única cidade com fronteira física com a Capital de Santa Catarina. Ponto de passagem obrigatório, por via terrestre, para se chegar a Capital.

Voltando a falar do casarão, o mesmo testemunhou diversos acontecimentos significativos, como a recepção em 1845 da comitiva de D. Pedro II para o cerimonial do Beija Mão<sup>3</sup> que reuniu diversas autoridades da época imperial. Também abrigou a Guarda Nacional e no ano de 1893 no curso da revolução federalista, o casarão foi sede provisória da capital de Santa Catarina, haja vista que Desterro era a capital provisória do Brasil.

Fruto de um movimento de resgate histórico, iniciado com a reforma do casarão da família Ferreira de Mello em 1984, o Museu Histórico Municipal de São José - MHMSJ foi aberto ao público em 21 /09/1988. Todavia, sua efetiva criação legal é de 1997.

Existe uma série de leis referentes ao casarão e ao MHMSJ, bem como a proteção do patrimônio em São José, tais como:

- Lei estadual de tombamento 5846/1980 – 1º prédio tombado no município;
- Decreto estadual 29608/1996 – referenda a primeira lei;
- Lei ordinária municipal 3024/1997 – criação do MHMSJ;
- Lei de tombamento municipal 4429/2006. (Revoga a Lei n.º 3.752/01 e dispõe sobre a proteção do patrimônio cultural e natural do Município, cria órgão competente e o Fundo do Patrimônio Cultural e dá outras providências).

O casarão da família Ferreira de Mello, é um marco da arquitetura colonial portuguesa, não tem documentação precisa de sua construção, fale-se em 1772, todavia é mais confiável a hipótese de sua construção no início do século XIX. Com características de sobrado, como outros da região, exercia uma dupla função: a parte

---

<sup>3</sup> Quando tratarmos dos modos como a cidade se vê, a passagem do Imperador por essas terras, fará muita diferença. Voltaremos ao assunto. (nota do Autor).

superior habitação familiar e a inferior, por vezes, como comércio, estrebaria e até senzala.

É um marco histórico e arquitetônico. Construído em 1722. É o único prédio intacto em sua construção original, o colonial rústico português de grandes dimensões. O prédio serviu de residência, escola Militar, Quartel da Guarda Nacional e chegou a cortiço. Hoje, reformado, abriga no andar superior o Museu Histórico, (...).<sup>4</sup>

O casarão teve também outras funções e eventos ocorridos nele, como: Quartel da Guarda Nacional, Sede do governo de Santa Catarina (por ocasião da revolução federalista abrigada em Desterro – 1893/94), Recepção e cerimônia do Beija-mão ao Imperador D. Pedro II. E outros, sem o “charme” político-imperial, como tornar-se cortiço, que o trouxeram para mais junto do povo, ficando o prédio mais afeito a todos e não só a elite, todavia este evento também adiantou sua depredação.

Estando bem danificado e já tombado por lei estadual, inicio-se sua reforma em 1984, o que foi um benefício, todavia não de maneira correta. Muito do que se podia preservar, não o foi, como assoalho, janelas, umbrais e portas, por exemplo, assim de original temos apenas a estrutura externa e suas paredes grossas. A vitrine do corredor número 02 do museu, traz fotos do cassarão danificado e peças originais de seu telhado exemplificam esta história.

A família Ferreira de Mello, tradicional na cidade, nas questões político-militares, e posteriormente artística, foi à construtora do casarão, teve entre outras figuras de destaque o senhor Luiz Ferreira do Nascimento Mello, chefe da guarda nacional, a agraciado com a espada doada pelo Imperador D. Pedro II, que o fez cavalheiro da Ordem de Cristo. E o Músico Adolpho Mello que por sua obra relevante e de grande promoção cultural, batiza o Theatro Municipal, o mais antigo de Santa Catarina.

O acervo do MHMSJ tem como foco a história do município, mas demonstra-se bem eclético, perpassando cotidianos, profissões, política, arte, religião, cultura, etnias,

---

<sup>4</sup> <http://www.colunaonline.com.br/culturais.html>

dentre outros assuntos. Em exposição permanente subdividida em eixos temático. Como cita seu folder institucional:

***Museu e a Comunidade***

*Museu Histórico Municipal de São José tem como objetivo registrar a memória de São José, salvaguardando todos os bens patrimoniais, culturais e históricos que ali se encontram. Seu acervo é eclético, bastante diversificado, com objetos de arte sacra, de comunicação, de transporte, de decoração e outros.*<sup>5</sup>

No tocante a cidade até a chegada dos colonizadores europeus, no século XVI, todo o atual litoral do estado de Santa Catarina era habitado pelos índios carijós, como cita a bibliografia historiográfica, clássica sobre Santa Catarina, que tem nomes como o de Oswaldo Rodrigues Cabral.

Por ocasião da efetiva ocupação do sul da colônia portuguesa nas Américas, chegam em 1750 (em 26 de outubro) à capitania de Santa Catarina, na vila de Nossa Senhora do Desterro, 182 casais de açorianos que posteriormente, fundaram São José da Terra Firme, a atual São José, no local onde hoje esta o centro histórico da cidade, uma centralidade já em sua gênese (vide Gerlach e Machado). Em 1755, já existia uma pequena capela e um vigário, José Antônio da Silveira. Atualmente, no local, existe a Igreja Matriz.

A Terra Firme, que completa o nome da cidade, faz referencia a sua cidade/ilha, vizinha: Nossa Senhora do Desterro, a atual Florianópolis, que foi somente ilha até 1944, quando anexou a sua atual parte continental, o antigo distrito de João Pessoa, que era pertencente a São José, que era da Terra Firme, era o continente, e hoje faz parte da Capital, que não é mais somente uma Ilha.<sup>6</sup>

Na lógica da ocupação, o dono das terras era quem as habitava. Portugal e Espanha, as disputavam, desde a foz do rio da Prata, hoje o Uruguai, como boa parte do Sul do Brasil, territórios de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

---

<sup>5</sup> Vide, Folder do MHMSJ, colocado no Anexo 04.

<sup>6</sup> A ilha é Ilha de Santa Catarina, alguns chamam erroneamente de ilha de Florianópolis. Florianópolis é a cidade desde 1894, que outrora fora Desterro, que ganha uma parte continental em 1944. (nota do autor).

Como citam em seu texto Gilberto Gerlach e Osni Machado:

“Assim, entre os anos de 1748 e 1752, em torno de 10 grandes levadas de casais vindos das ilhas dos Açores e Madeira chegaram a Santa Catarina. E, entre outros, foram nascendo povoações, sendo que a de SÃO JOSÉ DA TERRA FIRME, segundo conta a história, 'nasceu numa serena e clara madrugada de 19 de março de 1750, com a chegada de 182 casais vindos da terceira leva, composta em seu total de 326 casais - 1555 pessoas maiores e 204 menores.’”<sup>7</sup>

O desenho da gênese da cidade obedece às ordenações filipinas (de Felipe II rei da Espanha, que governou durante a União Ibérica), ou seja, Igreja – Praça – Mar. E isso ainda percebe-se ainda hoje no centro histórico da cidade, com a ressalva que o antigo prédio da Prefeitura, atual prédio da câmara dos vereadores, construído na década de 1970, cobre a visão do mar. O descaracterizou este modelo colonial.

Este prédio da Câmara de Vereadores, outrora Prefeitura Municipal, é por muitos moradores julgado como um erro arquitetônico, paisagístico e de historicidade, tanto que existe uma corrente na cidade que pede a derrubada deste prédio público (CMSJ)<sup>8</sup>. Mas o mesmo torna-se é também reflexo de uma cidade que passou paulatinamente a abandonar o mar. Este mar que trouxe os açorianos, os africanos, e as demais etnias aqui viventes, nos séculos XVIII, XIX e XX, mas que principalmente a partir da construção da ponte Hercílio Luz em 1926, fez com que o transporte terrestre ganhasse força, e o mar perdesse importância. Bem como na capital as baías norte e sul, que comunicam as cidades da região estão poluídas, o que também afasta o ser humano do mar. Que forças contrárias: a indústria, a poluição, a degradação, vêm afastando o homem da natureza, como no caso do jofense do mar.

O título de freguesia<sup>9</sup> chegou seis anos após a fundação do povoado, em 1756. Para explorar o potencial da freguesia, cujos limites iam até Lages, o vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa ordenou, em 1787, que o governador da província na época, José

---

<sup>7</sup> GERLACH; MACHADO, **São José da Terra Firme**. PMSJ Edição. São José, 2009, p.15

<sup>8</sup> A derrubada do prédio é defendida por uns. Já outros têm medo do Centro Histórico ficar sem representatividade, sem um “poder”, com o legislativo, pois já perderá o executivo. E ainda existe a vertente da transformação deste prédio em um Mercado Público.

<sup>9</sup> *Freguesia*: subdivisão de um conselho, que constitui a menor entidade administrativa. No Império Português, a freguesia era a primeira forma administrativa legal, com real caráter jurídico. (nota do autor).

Pereira Pinto convocasse o alferes Antônio José da Costa. Começava, então, o reconhecimento da terra. Em 1797, já havia uma população de 2 079 pessoas, incluindo os escravos.

Em 1833, São José passou de freguesia a Vila em quatro de maio, São José tem mais uma efetiva prova de crescimento político/administrativo. Além da capital catarinense, Desterro, também São José recebeu a visita imperial de dom Pedro II e dona Teresa Cristina, em 1845. Seu objetivo último era conhecer as águas termais, a época em território josefense, atualmente no município de Santo Amaro da Imperatriz.

Suas fronteiras iniciais incluíam o território de alguns municípios vizinhos, que foram se separando com o passar dos anos, como o Estreito, que passou a ser parte de Florianópolis em 1944. Angelina e Rancho Queimado se emanciparam em 1961 e 1962, respectivamente. São Pedro de Alcântara se tornou município em 1995.

São José sofre os reflexos da Revolução Federalista (1893-94), que dentre outros desdobramentos trocou o nome da Capital do Estado, de Nossa Senhora do Desterro, para o atual Florianópolis, em homenagem dada por Hercílio Luz, ao presidente do Brasil Marechal Floriano Peixoto, que de forma cruel venceu a Revolução, matou as lideranças da região por fuzilamento na fortaleza do Anhatomirim. São José passa a partir desta data a perder paulatinamente seu território por uma série de emancipações.<sup>10</sup>

Fica o exemplo do atual município de Palhoça:

Em 24 de abril de 1894, foi elevada a categoria de Município, por desmembramento de São José, sendo instalado em 23 de maio do mesmo ano.<sup>11</sup>

Este desmembramento para São José, emancipação para Palhoça, feito após a recuperação da Capital Catarinense pelo governo federal, leva de São José a época quase metade de seu território.

---

<sup>10</sup> O ônus de abrigar a Revolução Federalista, junto a Revolta da Armada, deram a Desterro sua mudança de nome e o fuzilamento de alguns de seus filhos, a São José que auxiliou tal evento, sofreu com a perda de territórios (desmembramentos) e o ostracismo político de suas lideranças a época 1893/94. (nota do autor).

<sup>11</sup> <http://www.palhoca.sc.gov.br/acidade.php> acesso em 11/10/13.

Um município que fazia fronteira a Lages e a Laguna, por exemplo, hoje tem uma área de 113, 171 km<sup>2</sup>, e uma população de 209.804 mil habitantes (censo 2010 – IBGE). É o quarto município do estado em população e o quinto em arrecadação.

Como bem discute, a arquiteta Tatiana Cristina da Silva, em sua dissertação de Mestrado em Geografia, pela UFSC, a cidade de São José tem fases distintas, ligadas quase sempre a sua vizinha de baía, e já no século XX de território, a capital (Desterro/Florianópolis). Em sua fase inicial fornece à capital, louças de barro, a olaria foi muito forte em São José, e hoje ainda é um traço cultural marcante, tecidos e alimentos. Mas com o caminho das tropas, e o comércio vindo da serra catarinense, já nos anos 1850/60, São José vem a viver sua melhor fase econômica. Ser este entre posto comercial entre a serra e a capital, trás diversos benefícios a cidade.

A partir de 1850, cem anos após a sua fundação, São José começa a tornar-se um importante eixo comercial e cultural do Estado. Este reconhecimento veio em 1856, quando foi elevada de Vila à Cidade, dando notoriedade aos políticos josefenses. A pujança econômica seria demonstrada nos casarões construídos ao redor da Praça, pensada como o centro da cidade, geradora da malha urbana e palco de importantes funções.<sup>12</sup>

Esta força econômica demonstra-se em casarões particulares, públicos (casa de Câmara e Cadeia, Theatro), em escravos listados na cidade, em referência cultural para a região.

E neste momento, bem como no anterior, mas em meados do século XIX, explicitamente, o centro da cidade era mesmo local de seu nascedouro, o atual, e não mais tão central - Centro Histórico.

A centralidade, percebida, mantida e perdida, discutirmos mais a frente em nossa pesquisa.

No século XX em São José, a estagnação (econômica, populacional, cultural) esteve atrelada também, em médio prazo, à substituição do transporte marítimo pelo rodoviário.

Porém, isso voltaria em outra mão, o rodoviário ajudando a cidade, com a construção da BR 101, na década e 1960/70. Voltando ao início do século, a

---

<sup>12</sup> SILVA, Tatiana Cristina da. **Centro Histórico de São José (SC): Patrimônio e Memória Urbana**. Dissertação de Mestrado Geografia, UFSC, Florianópolis 2006. P 43.

inauguração da Ponte Hercílio Luz, a primeira ligação viária entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, se deu em 1926. Mas devido à precariedade das vias urbanas, e um número reduzido de automóveis, as travessias marítimas ainda foram largamente utilizadas durante mais de uma década.

A perda do distrito de João Pessoa, os atuais bairros do Estreito, Abraão, Capoeiras, dentre outros que formam a atual parte continental de Florianópolis, em 1944 foi outro choque na economia e na auto-estima da cidade. Com reflexos até mesmo no século XXI.

“No ano de 1944 São José perde para Florianópolis parte importante do seu território, o Distrito de João Pessoa, atual bairro Estreito. Segundo Soares (1990), no início dos anos 40 o governo do Estado promoveu uma revisão territorial de Santa Catarina, onde o Estreito apareceu como área conflituosa. Além da pouca assistência da administração de São José e considerando que a maioria dos moradores da área trabalhavam em Florianópolis, surgiu a questão da má formação territorial da Capital, restrita à insularidade e a necessidade de integração da área continental.

Segundo Sugai (2002, p. 55) “Em 1º de janeiro de 1944, o Distrito do Estreito foi anexado ao Município de Florianópolis, através do Decreto-Lei estadual n. 951/44 que estabeleceu os novos limites do Município de Florianópolis.” Assim, perdeu uma de suas principais fontes de renda, que era o ramo dos abatedouros de gado - no ano de 1880 São José já havia contabilizado um empobrecimento considerável em sua receita por conta da perda do Matadouro Público do Estreito, - além das madeireiras. A compensação dada à cidade pela perda do Estreito foram as terras da atual cidade de Rancho Queimado, que à época pertencia à Palhoça. (SOARES. 1990) No ano de 2005, o atual prefeito josefense Fernando Elias polemizou ao dizer que pediria indenização pela perda de território. Queria, pelo menos, que houvesse o reconhecimento oficial de que o ato prejudicou a cidade nas últimas seis décadas, mas o pedido foi contestado pela Prefeitura de Florianópolis e por associações comerciais e empresariais.”<sup>13</sup>

Nas décadas que se seguem, 1950/60/70, São José ganha a “pecha” de cidade dormitório, onde seus habitantes apenas usam suas casas para o descanso noturno, pois o dia de trabalho era todo realizado, na capital de Santa Catarina – Florianópolis. Haja vista a indicação citada acima, onde uma das alegações para a retirada do Estreito de São José e repassá-lo a Florianópolis, era de que a maioria da população mora no Estreito (ainda São José), mas trabalhava na Capital.

Mesmo com a construção da BR 101, que corta a cidade de sul a norte, com a criação da área industrial, isso não veio a mudar em termos de pensamento. Porém, na prática estas alterações logísticas tem sim um valor significativo para a vida da cidade. As pessoas agora têm mais oportunidades de trabalho em São José, fixam-se mais no município, mas por que ainda cidade “dormitório”?

Faltava a São José uma nova visão sobre si mesma, quase uma nova fundação, ou refundação por assim dizer. A auto-estima da cidade precisava ser levantada. Isso veio a ser feito, meio de forma não profissional, ou intencional, com o surgimento do loteamento de médio/alto padrão Kobrasol, atualmente o bairro mais valorizado da cidade, e percebido, como uma nova centralidade.

---

<sup>13</sup> Ibem, idem. P 50 – 51.

Os anos de 1980/90 vão dar essa nova perspectiva, onde já no século XXI, com a avenida Beira-mar de São José (nova referência, comparativa a Capital de Santa Catarina), São José já se projeta diferentemente do simples dormitório. Agora tem mais o que mostrar, mesmo que já tivesse antes, mas não o redescobrisse.

O setor de serviços cresce em São José que, por exemplo, terá um Shopping Center, muito antes de Florianópolis. O Shopping Itaguaçu é de 28/04/1982, e na Capital o Beiramar Shopping é de 27/10/1993, ou seja, 11 anos de diferença. Como foi em meados do século XIX, com o Teatro, as pessoas saíam da Capital para assistir espetáculos em São José, e em fins do século XX, os florianopolitanos viam a São José fazer compras. Isso levanta a estima. E se também, além das compras, visitassem o Centro Histórico, o Museu Histórico, a via gastronômica da Ponta de Baixo, consumiriam São José culturalmente.



## Capítulo II

Percepções: Centro Histórico – Museu Histórico – Centro Urbano. Entrevistas, questionários, impressões.

Ao lançarmos as idéias primeiras desta pesquisa, sabíamos que o tempo seria nosso adversário. Mesmo que trabalhos de conclusão de curso lancem bases para projetos futuros, no mestrado ou mesmo o posterior doutorado, os mesmo não podem ser superficiais, rasos.

É neste viés, da não-superficialidade que fizemos a opção pelo questionário, que abarcaria mais entrevistados. Sendo alguns pessoalmente, e outros apenas na forma impressa. Uma maior amostragem poderá nos dar um dado, se não preciso, porém algo de maior poder de reflexão. Não apenas buscar entrevistados, que respondessem e referendassem nossas questões. Isso creio não seria ciência.

A saber, eu também tenho minha vivencia tanto no centro histórico e no Museu Histórico Municipal de São José (MHMSJ), como funcionário público municipal. Com alguns anos nesta lotação. O que me permite conhecer diferentes públicos, no entorno destes locais, como moradores, visitantes diversos (avulsos, agendados, os das aberturas de exposições temporárias, outros funcionários, dentre outros). Por isso posso discorrer sobre também minhas percepções anteriores e posteriores a pesquisa.

O questionário aplicado aos entrevistados, que esta em anexo a este trabalho, veio a traçar um referencial de qual era o perfil do entrevistado, e qual sua percepção da interface entre o centro histórico – museu. Tema este, de pesquisa em museus, tão versado por mestres como Canclini, Cury, Bourdieu, que escreve:

“Qualquer pesquisa de opinião supõe que todo mundo pode ter uma opinião; ou, colocando de outra maneira, que a produção de uma opinião está ao alcance de todos”.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> BOURDIEU, P. “A Opinião Pública não existe” In THIOLENT, Michel. **Critica metodológica. Investigação social e enquete operaria.** São Paulo, Polis, 1980. P 137.

O questionário era aplicado, aos que não eram oriundos do Centro Histórico, logo após sua visita ao museu. Ressaltando que alguns visitavam somente o museu (visitação espontânea), e outros visitavam também o Centro Histórico, com visitas agendadas ao programa “Conhecendo São José”, uma parceria da Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José (FMCTSJ) e a Secretária Municipal de Educação.

Já com moradores e funcionários da FMCTSJ, o mesmo foi aplicado nas dependências do museu. Ou por meio de correio eletrônico, o que por vezes, não possibilitou a conclusão do processo, por falta da devolução do mesmo.

Trabalhando com os públicos de trabalhadores, moradores e visitantes agendados, em sua maioria nas entrevistas, pode-se afirmar de que quem tem a vivência no local, no centro histórico, faz mesmo sem perceber, uma defesa dele. Isso é visto com moradores, o que era de se esperar, mas também com os trabalhadores públicos, pois os demais trabalhadores da região são também moradores do local. Esta defesa esta em não admitir outra centralidade na cidade, ou se admite (dado mais aos funcionários públicos), colocam a centralidade histórica, o nascedouro da cidade, no mesmo patamar da centralidade de serviços que outros bairros hoje detêm.

No tocante aos visitantes de outras regiões do município, onde temos um contingente numeroso de pessoas migrantes ou filhas de migrantes, estaduais ou interestaduais. Estes não vêm no Centro Histórico, nenhuma centralidade fora a que lhes foi dita por funcionários públicos que os recepcionam.

A idéia de centro urbano esta mais presente, do que a de centro histórico como podemos perceber nesta resposta que obtivemos. Estas primeiras são de funcionários da Fundação Municipal de Cultura de São José (FMCTSJ), um morador de Florianópolis, outro morador de São José. Primeiro o da Capital.

*“Esta nova nomenclatura não foi ainda regulamentada, porém temos placas indicativas. No existe outro Centro em São José. Acredito que se refere a onde começou a história do município e onde temos o mais número concentrado de edificações antigas, que transpiram a história do município, principalmente edificações mais, digamos assim, suntuosas, em relação a casarios em bairros mais afastados, vemos mais uma vez o apogeu sendo destacado. Quando pensamos em Centro logo vem a nossa idéia comércio, centro administrativo e político, e aqui não temos isto, temos história”.*

A dicotomia entre estas duas idéias de centralidade ficou bem marcada, como nestes outros exemplos. Agora o morador de São José.

“Centralidade pra mim é um espaço onde se encontra tudo, é o cerne de uma cidade, é o ponto nervoso da cidade, tendo centro administrativo e político, comercial e vários outros elementos que vão dar suporte ao público. Existe centralidade cultural, outras essências são bem tímidas. Aqui tudo começou, transpira história, por meio de suas edificações e das relações sociais que se estabeleceram – *oralidade*”.

*“A centralidade é o local aonde dispomos de serviços que não estão disponíveis em localidades periféricas. O Centro Histórico possui sua centralidade administrativa, como a Câmara Municipal e, antigamente, os cartórios”.*

O museu apresentasse com um elemento que dá ao Centro Histórico, mais chancela de historicidade, tanto por seu acervo, mas também pelo seu próprio prédio, sempre citado com uma das construções mais antigas, do que “originais” do município.

Denota assim interligação, porém, fica a marca mais do local do que da dinâmica museal apresentada. Vejamos estas respostas de uma de nossas entrevistas, com uma visitante avulsa (ocasional), que é moradora da cidade, e migrante de outra região do estado de Santa Catarina.

“Para mim o conceito de centralidade é ter uma qualidade ou situação de central. No Centro Histórico vejo a qualidade de centralidade da cultura histórica deste povo”.

“Olhando a história deste Centro Histórico, vemos que as fotos de antigamente diferem das atuais, os monumentos foram descaracterizados de sua essência inicial, embora tombados. Esta descaracterização é necessária para a boa conservação das edificações. Então é aqui que vejo a grande importância de um museu colecionar fotos antigas para que se conheça a aparência original e a história ligada a estes tombamentos”.

O museu vem a referendar a centralidade histórica, do atual distrito sede, que a muito deixou de ser central a cidade.

*“Pois no centro histórico foi onde ocorreu toda a construção da cidade antigamente, e nada melhor que o museu que tenta resgatar a história do município esta localizado do centro histórico”.*

Antigamente, histórico, nascedouro, museu, memória, açorianidade, isso é caro a São José, e seu Centro Histórico, e o seu Museu Histórico vai nesta leva.

Cabe citar o estudo de Rogério Proença Leite, que trata da cidade de Recife, e a revitalização do bairro do Recife Antigo, sob dois pontos. O primeiro da espaço público:

“Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas. Não sendo necessariamente todo espaço urbano um espaço público, há de se verificar quando um espaço urbano pode ser caracterizado como público. A reativação pura e simples dos usos cotidianos de um determinado espaço urbano não é, assim, característica suficiente, embora necessária, para conferir a um determinado espaço urbano a característica de espaço público”.<sup>15</sup>

Observar seus usos, na passagem de espaço urbano para espaço público e mesmo quando deixa de ter esta característica, deixam de ter certos sentidos, com o de centralidade.

E o outro ponto, o da reestruturação espacial, e que pode, com foi em Recife repaginar o orgulho local, e a vida no bairro, na cidade, na estima do povo.

“O processo de gentrification que reinventou o Bairro do Recife alterou profundamente a sua paisagem urbana, transformando-a numa espécie de "paisagem cívica" depurada (Menezes, 2002) ao deslocar para a esfera do consumo os sentidos tradicionais da história e da cultura pública. Reconstruído como nova centralidade, o Bairro teve sua memória – inscrita em seu patrimônio edificado e na vida cotidiana dos moradores mais antigos –, subsumida pelas estratégias de marketing urbano, que equipararam o antigo Povoados dos Arrecifes a um shopping center. Hoje, o Bairro ocupa cada vez mais os espaços das narrativas sobre a singularidade do local para a cidade do Recife.

No meu ponto de vista é uma coisa que faltava ao recifense, ao pernambucano, que eu vi muito no sul quando viajava. É o orgulho de ser de tal lugar. E hoje nós temos aqui, você pega um turista, traz pro bairro, você vinha pro Recife, trazia pra Olinda. Não tinha um ponto pra mostrar nossas raízes e hoje esse ponto com certeza é o bairro do Recife. Você traz e tem orgulho de mostrar.”<sup>16</sup>

E que já tinha até dado esta centralidade a Ilha de Santa Catarina, ao centro da cidade de Florianópolis, como tenho minha vivência como florianopolitano continental

---

<sup>15</sup> LEITE, Rogério Proença. **CONTRA-USOS E ESPAÇO PÚBLICO: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 17 No 49. P 02

<sup>16</sup> IbeM, idem. P 03 – 04 .

(de família por parte de mãe açoriana/josefense) que se faz verdade nos discursos de nossos avôs e pais, e na pesquisa de Tatiana Cristina da Silva, fica demarcado de novo:

“Na realidade, esta mudança na relação econômica entre São José e Florianópolis afetou profundamente a primeira, que passou por um período de crise. Por não conseguir captar investimentos e viver de sua proximidade com a Capital, São José configura-se como ‘cidade-dormitório’. Essa denominação foi de tal abrangência, que continuou a ser utilizada durante muitas décadas, e em consequência, muda a relação do josefense com a ilha. O termo “descer” (ainda utilizado), de tradição açoriana, que designava a ida à Florianópolis, ou o simples “ir à Ilha”, são gradualmente substituídos pelo “ir ao centro” ou “ir à cidade”. Este último ainda é muito utilizado nas antigas áreas rurais, onde a malha urbana começou a se expandir a partir dos anos 60. Esta relação de centralidade, pertinente também em Biguaçu e Palhoça, sobrevive até os dias de hoje.

Historicamente, é provável que poucas pessoas tenham se referido ao antigo centro de São José, como “Centro”. Não que sua centralidade não fosse forte ou clara, mas sempre incomparável à Deste rro e mais tarde, Florianópolis. Segundo entrevistas, muitas pessoas diziam, e ainda dizem, “vou à Praça”, e em menor escala “vou ao Centrinho”. A Praça Hercílio Luz, neste contexto, faz parte da memória urbana e da identidade local, servindo como referência dentro da cidade. A denominação Centro Histórico seria instituída mais tarde, e indicada por placas de sinalização somente no ano de 2001, não sendo ainda muito utilizada entre os josefenses.

É interessante, entretanto, verificar que a cidade ainda não dava (e não dá) valor à sua área histórica, pois a importância destes espaços já era tratada na Carta de Atenas, documento que influenciou na concepção das leis pertinentes às cidades, como o Código de Posturas Josefense de 1948<sup>17</sup>

Muitas vezes ouvimos e usamos estas expressões “descer”, “ir ao centro”, “ir à cidade”, com referência ao centro de Florianópolis. Lembrando que a parte continental de Florianópolis era São José até 1944, meus avôs maternos eram de São José, das proximidades do Centro Histórico, e mantinham esta relação, mesmo morando já no Estreito, com o centro, a cidade, sendo a Capital do Estado, e não São José.

Isso também é visto nas outras duas grandes cidades, mais próximas na região metropolitana da Grande Florianópolis Biguaçu e Palhoça, que outrora já pertenceram a São José.

Tratando assim a centralidade, em vista da cidade de São José e de seu Centro Histórico, usamos alguns teóricos vindos da Geografia, que discutem esta realidade, mesmo que por vezes se apoiando no campo da economia, mas discutem centralidade.

Há existência de um lugar central único que facilitasse a vida urbana, um lugar onde se encontravam reunidos todos os serviços disponíveis da cidade: os correios, os telégrafos, os mercados municipais de comércio de alimentos, os bancos, os serviços de saúde disponíveis, o comando da cidade como a câmara de vereadores ou o fórum de

---

<sup>17</sup> SILVA, Tatiana Cristina da. **Centro Histórico de São José (SC): Patrimônio e Memória Urbana**. Dissertação de Mestrado Geografia, UFSC, Florianópolis 2006. P 51 - 52.

justiça e o local de convergência dos meios de transportes. Foi assim pensado por muito tempo o centro de São José e da Capital de Santa Catarina também.

“Não existe realidade urbana sem um centro; comercial, simbólico, de informações de decisão, etc.”<sup>18</sup>

Porém, as novas modalidades de comércio, serviços públicos e privados, as indústrias, as novas vias de transporte, a eterna proximidade com a Capital, vem a modificar a centralidade para São José.

O centro da cidade na época, pré-capitalismo moderno, não é somente associado como local de consumo de produtos, mas também como consumo da cidade como “obra” que é um conceito desenvolvido por Lefebvre, que explica a centralidade como o lugar onde estão concentrados: o lazer, os teatros, os museus, a cultura, as manifestações, os cafés, os restaurantes, as bibliotecas, etc. E também é este o lugar onde a elite irá valorizar e habitar. Isso percebe-se em São José.

Em sua obra “A Questão Urbana” Manuel Castells, trata das questões de centralidade, também no viés da gênese, do nascedouro da cidade.

[...] o centro é a partida da cidade que, delimitada espacialmente, por exemplo situada na confluência de um esquema radial das vias de comunicação, desempenha um papel ao mesmo tempo integrador e simbólico. O centro é o espaço que permite, além das características de sua ocupação, uma coordenação das atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada destas atividades e, daí, a criação das condições necessárias à comunicação entre os atores.”<sup>19</sup>

Esta dicotomia, entre centro histórico x centro urbano (comercial), entre gênese e uso funcional (serviços/comércio), esta presente nos teóricos e nas entrevistas que fizemos.

Há quem reconheça o “centro” de São José, tanto como centro histórico, e como centro da cidade. Já outros apenas seu viés histórico, pois a função de serviço lhe foi tirada, primeiro pela Capital, o centro de Florianópolis, e posteriormente pelos bairros de Campinas e do Kobrasol, no próprio município de São José.

---

<sup>18</sup> LEFEBVRE, Henry. **Le Doit à la Ville Suivi d’Éspaceet Politique**. Paris: Anthropos, 1972 in Villaza (2001).

<sup>19</sup> CASTELLS, Manuel, **A questão urbana**, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983, p 280.

Existe ainda um perigo maior, nesta dicotomia, mesmo que com um aparente bom pensamento. Dentre os diversos bens patrimoniais, as edificações são as que mais se relacionam diretamente com o homem e com o seu dia-a-dia. Consagrados na era industrial, hoje os monumentos históricos encontram-se de certa forma, preservados, mesmo que por descaso, mas trilham basicamente dois caminhos opostos: a elitização ou a degeneração. Citando Françoise Choay:

“A cidade antiga, como figura museal, ameaçada de desaparecimento, é concebida como um objeto raro, frágil, precioso para a arte e para a história e que, como as obras conservadas nos museus, deve ser colocada fora circuito da vida. Tornando-se histórica, ela perde sua historicidade”<sup>20</sup>

A musealização de centros históricos pode ao mesmo tempo, com boa intenção, preservar, mas também pode vir a matar seus usos cotidianos, e talvez sua própria historicidade. Deixar de ter seus usos comuns, suas vivências, suas histórias.

Quando as visões sobre si mesma, São José demonstra apreço a seu passado “Imperial”, haja vista as diversas referências sobre a passagem do Imperador Dom Pedro II pela cidade, no ano de 1845. O objetivo do Imperador era conhecer as fontes de águas termais, onde planejava-se construir um hospital. O atual município de Santo Amaro da Imperatriz, que a época era território josefense, é o local destas caldas, e em seu nome leva a referência a Imperatriz do Brasil Dona Teresa Cristina. Em São José dois eventos marcam esta passagem, o baile da Corte, que ocorreu no Casarão das Neves, onde até o ano de 2012, abrigou o Café da Corte (Bar/restaurante) uma referência ao Imperador, e no prédio de Museu, a famosa cerimônia do beija-mão. Nesta mesma data, logo após a cerimônia, onde a elite da cidade foi convidada a beijar a mão do Imperador, um reverencia dos súditos leais a coroa, o Imperador doou a espada ao dono do solar a época: Luiz Ferreira do Nascimento Mello, fazendo-o Cavaleiro da Ordem de Cristo.

E nos festejos do aniversário do município de 263 anos, em 2013, o MHMSJ abrigou a exposição: 263 anos de São José: uma cidade Imperial. Do artista plástico Cipriano. Mais uma referência e este passado “glorioso”, dos tempos do Império, onde São José era forte economicamente, e seu Centro era plenamente central para a Cidade. É fruto também deste bom momento, a criação do Theatro Municipal (1854).

---

<sup>20</sup> CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.p. 191

Assim como, sua origem Açoriana, pois a municipalidade promoveu por cinco vezes, neste início de século a Açorfest, festa da cultura açoriana. Cultiva-se muito ainda a temática das olarias, das louças de barro figurativas e utilitárias, onde São José tem desde 1992 a primeira escola de oleiros do país, a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros que fica no bairro Ponta de Baixo, assim fora do Centro Histórico, e também a Olaria Beira-mar de São José, um desmembramento da primeira.

Mas o lazer, cultural, gastronômico, de entretenimento, não estão no Centro Histórico, assim o Museu também fica aleijado desta função, que cabe aos Shopping's, a Beira-mar, a vida noturna do Bairro do Kobrasol, ou aos restaurantes da Ponta de Baixo. No caso de Niterói o MAC (museu de arte contemporânea) serve mais ao turista do que ao niteroiense, citando por Telam Lasmar Gonçalves, o MHMSJ serve mais a rede municipal de educação do que a coletividade josefense, carente de um circuito cultural, além dos meandros do capitalismo atual.

O poder público tem suas culpas nisto, claro que tem. Mas e a classe artística, cultural, de São José vai sempre esperar, dormir em berço esplendido? A realidade não mudará em passe de mágica, mas com passos projetos e dirigentes a um novo olhar e utilizar do Centro Histórico, do Museu, de suas potencialidades. Coisa que sinceramente não é projeto político, não é prioridade governamental, infelizmente.



### Capítulo III

Os usos do museu: Seu(s) público(s), suas interações.

Tendo por base, o público visitante do Museu Histórico Municipal de São José - MHMSJ, em informações do seu livro de assinaturas do corrente ano (2013), nos meses de janeiro a setembro, percebe-se que do total de 2137 visitantes que assinaram, 1626 pessoas se identificaram como moradoras de São José (76,09%), sendo as outras 511 pessoas (23,91%) de outros locais, que no relatório do MHMSJ, são diferenciadas por: Grande Florianópolis, outras cidades de Santa Catarina, outros estados do Brasil, e outros países.

Demonstra-se o caráter eminentemente local e identitário, que o museu histórico tem para o público josefense, que também tem no público escolar, principalmente de ensino fundamental, seu grande consumidor.

No ano de 2013, entre março e setembro visitaram o museu 48 grupos (turmas) de escolas, sendo do município de São José um total de 47 grupos (à única escola não josefense era do município de Angelina, que foi desmembrado de São José em 1961). Reafirmando a referência histórica do seu local (Solar da Guarda Nacional / Solar Ferreira de Mello), do Centro Histórico do município, e de seu acervo, que mesmo afirmando-se eclético, tem ligação umbilical com a cidade.

Este dado foi retirado do livro de assinaturas do MHMSJ, metodologia amplamente aplica em pesquisa de público, como fez Telma Lasmar Gonçalves,

“Para tanto, utilizei uma fonte documental comum a todos os museus: o livro de assinaturas, que registra, dia após dia, os dados dos visitantes que nele deixam o nome e informações pertinentes”.<sup>21</sup>

Assim o museu tem um viés de historicidade encadeado com a cidade, com o bairro onde esta situada (o centro – distrito sede), que a partir do século XXI, vem sendo chamado de Centro Histórico.

---

<sup>21</sup> GONÇALVES, Telma. **Lazer é prazer. Museu dá prazer? Uma análise da relação do morador de Niterói com seu museu de arte contemporânea.** Musas, V1, n2. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. P 26.

Como citam também as entrevistas que realizamos, esta correlação apresenta-se. Vindo de quem tem intimidade com os locais, ou não. Os nomes – histórico, atribuídos a ambos, entrelaçam as relações feitas.

Na questão 06 do questionário, com alternativas e espaço para descrições:

No tocante o seu conhecimento do centro histórico e do museu histórico, você percebe relação entre os dois?

( ) Sim – ( ) Não – ( ) Pouco – ( ) Talvez – ( ) Muita relação

Obtivemos respostas escritas, após a alternativa de muita relação, como estas:

“O prédio do museu teve grande importância para a vida dos josefenses, vários acontecimentos foram de relevância política e histórica, daí a sua importância. Onde tudo começou”.

“Pois no centro histórico foi onde ocorreu toda a construção da cidade antigamente, e nada melhor que o museu que tenta resgatar a história do município esta localizado do centro histórico”.

“Esta tudo conjugado é uma coisa só”.

Vê-se desta forma, que o olhar lançado ao museu, vem conjugado com o centro histórico, mesmo de maneira errada, com na citação que se refere ao prédio do museu dizendo que: “onde tudo começou”. Estes começos, esses inícios, estas gênesis, fazem do museu, se não um “Centro” do Centro Histórico, uma referência, um ponto de convergência, de uma cidade que outrora existiu que outrora era somente açoriana, que esta posta em nascedouros físicos e memórias, em prédios e discursos, tanto no centro, como no museu.

Portanto, percebe-se uma ligação forte entre o Museu e o Centro Histórico, que é reforçada pela municipalidade, que com projetos como “Redescobrimdo São José” de 2012 e “Conhecendo São José” de 2013, voltados à rede municipal de ensino, que tem em um período no dia (matutino ou vespertino) para visitar o Centro Histórico, sendo o Museu um dos destinos, os quais se gasta mais tempo, e é um dos mais referendados nas devolutivas de alunos e professores.

Em sua maioria, as escolas do município que se deslocam ao centro histórico, são de regiões distantes deste bairro. Que até este momento não tem um referencial de

centro para a cidade, tão pouco de nascedouro da mesma. Com projetos como esse, onde lhes é apresentado ao mesmo tempo, tanto o centro histórico como o museu, a ligação que começam a fazer é de referência de correlação, ou um não existe sem o outro. Como a frase de uma professora de um bairro distante: “Esta tudo conjugado é uma coisa só”, referindo-se a ambos os locais.

A errônea idéia, muito ventilada, de “museu de tudo”, como citado no poema:

Este museu de tudo é museu  
como qualquer outro reunido:  
como museu tanto pode ser  
caixão de lixo ou arquivo.  
Assim, não chega ao vertebrado  
que deve entranhar qualquer livro:  
é depósito do que aí está.  
se fez sem risca ou risco.  
Museu de Tudo  
(João Cabral de Melo Neto)<sup>22</sup>

Pode-se perceber em visões atribuídas ao MHMSJ, no tocante a sua interface com o centro histórico. Interligado-os com descreve Pierre Nora, na temática dos locais de memória. Os lugares de memória se fazem pela experiência, pelos restos, resíduos daqueles que vivem o lugar e pela preocupação em perpetuar uma memória que é viva, mas crê-se no seu desaparecimento, daí a necessidade de um espaço que reviva essa memória. A memória de uma cidade, referendada em um museu. Como no “museu de tudo”, gerados para a lembrança, para o desejo de não esquecer e não ser esquecido, memória que são restos, rastros de uma história.

Veja bem, museu de tudo e não de todos. E este tudo, é um tudo de memorável, que alguém um dia determinou.

Observa-se que a maioria dos museus durante o século XX construiu uma memória pautada no arquivamento, na guarda e patrimonização dessa memória, cuja necessidade de preservar vai produzir as instituições culturais. Memória e patrimônio

---

<sup>22</sup> MELO NETO, João Cabral de. A educação pela pedra e depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997b. p 43.

levam ao fenômeno da musealização. Isso ressalta o dogma ligado a figura do rememorante, ou a memória do poder. O MHMSJ, que é de 1988, quer preservar qual memória? Quem tem poder de ser perpetuar nele?

(...) “lugar de memória é um lugar duplo: de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.”<sup>23</sup>

Como cita Suely Lima de Assis Pinto, em seu artigo:

“(...) Uma grande distancia entre o que foi pensado e o que foi constituído se instala nas inúmeras leituras e interpretações geradas no interior das instituições, causando uma fissura entre a memória e o arquivo da memória. Para Nora (1993), quanto menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem a necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. Ou seja, se percebesse o seu pertencimento, os lugares se efetivariam mesmo como lugares de memória”<sup>24</sup>

Onde se encaixa o Museu Histórico Municipal de São José e seu público? O museu de tudo (tudo de São José)? Tudo do Centro Histórico? Sendo o Centro Histórico, tudo de São José?

Ou mesmo, ambos, conjugados, são um grande arquivo ao “ar livre”, da cidade? Mas qual cidade? Quais habitantes? Que São José projeta-se e perpetua-se aqui?

Estas perguntas por hora, ficaram no aguardo de um novo movimento de pesquisa. Quase como uma caixa de Pandora. Pretendo retornar, quem sabe em breve a estas questões, a pesquisa, a academia.

Mas retornando a este fenômeno, das vistas escolares aos museus, percebo tem que ser ampliado, amplificado e pesquisado em diversos museus, com o de São José. Pois os grupos escolares são um público fiel, continuo e que se não bem trabalhado,

---

<sup>23</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e história a problemática dos lugares**. Tradução

Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993. p 21.

<sup>24</sup> PINTO, Suely Lima de Assis. **Museu e arquivo como lugares de memória**. Revista Museologia & Interdisciplinaridade. v. 2, n. 3 (2013). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. P 92.

pode se perder, com no caso do estímulo a leitura. Caso não bem feito perde-se o leitor. Caso não conduzido os momentos no museu, pede-se o visitante, o elemento que faria a propaganda boca a boca. Assim, temos referências neste campo:

[...] “o fenômeno a ser investigado é a visita escolar ao museu, em busca da compreensão do que ocorre quando escolas e museu se encontram: de que forma museu e escola compõem a cena pedagógica e quais dimensões formativas são mobilizadas no momento em que esses contextos educativos estão em contato?”<sup>25</sup>

Trata-se de um novo tema, que em nossa pesquisa tem imbricações, mas não é foco, mesmo que grupos escolares tenham passado pelo museu, e em muito, neste tempo de pesquisa e escrita do trabalho.

O público pode ser visto e revisto por diversos ângulos, como escreve Fernando João de Matos Moreira:

“No primeiro caso, embora a visita, e o visitante, continue a ser um elemento central à actividade museológica, deixa de ser encarada como o exclusivo dessa mesma actividade; no segundo caso, a visita é posta em pé de igualdade (ou, mesmo, como um elemento acessório ou um mal necessário) face a outras formas de intervenção museológica consideradas mais eficazes para cumprir os objectivos estabelecidos. Assim, em ambas as situações, o conceito de público passa a incorporar aqueles que utilizam o museu ou, sobretudo no caso dos novos museus, que se utilizam do museu, independentemente da forma que essa utilização assuma. Ou seja, o conceito de público passa a repousar na idéia central de utilizador”.<sup>26</sup>

O natural era dar a mão a palmatória e dizer, a relação é direta: museu – história – cidade – centro. Mas para tanto não precisava de pesquisa. Mas por que não pensar e propor uma alteração deste fluxo, destes sentidos, destas relações, no o museu poderia ser este catalisador, um “novo/velho”, local de pesquisa e reflexão, sobre a cidade, sua história, seu centro, sua gente.

A mais o que se fazer, a mais a se pensar, a mais a caminhar, construindo e desconstruindo vivências, conceitos, preconceitos, discursos e percursos.

---

<sup>25</sup> DUTRA, Soraia Freitas Dutra. **A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto**. 2012. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. p 32

<sup>26</sup> MOREIRA, Fernando João de Matos. Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais **Musas**, n° 3. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. Pg 102/103.

### Considerações Finais:

Simplesmente, responder que existem correlações entre o Museu Histórico e o Centro Histórico, da cidade de São José é muito básico, e até em vista dos nomes isso já estaria posto.

Mas no decorrer da pesquisa, observar, e ser velado a refletir de outras maneiras, pensando as questões de centralidade, de pertencimento, de espacialidade da cidade. E como o museu vem a inferir nisto, foi um grande aprendizado.

Nossa orientação nos levou a estes novos olhares, buscando novas fontes de pesquisa, e intervindo a transcender um binômio já posto na pergunta inicial: museu-centro, mas olhar outros, como: museu-cidade, cidade-centro, centros-centro, memória-museu, memórias-uso, usos-público, e mesmo outras engenharias que correlacionassem mais de dois destes vieses.

Portanto, mesmo tendo nas fontes, de que o museu vem a atender um público em sua maioria estudantil, refletir que a não é dado somente ao museu um papel de referendar um discurso pronto sobre São José, seu Centro Histórico, sua História, mas de se enxergar diferente disso, mesmo onde alguns lhe ponham em linha reta ao “status quo” historizante do município. Faz de minha reflexão um ponto de início de um repensar estas correlações.

Aqui foi claro o proposto, seguir uma linha reta, Centro-Museu-Cidade. Mas o que alterar? Para onde seguir? Ficam para uma nova pesquisa, um novo momento.

A Museologia pode e deve, em muito contribuir com estas reflexões, sendo que há algum tempo ela se libertou das paredes do museu, dos dogmas e estereótipos do passado pelo passado. Olhar o museu, seus usos, suas práticas, suas intenções e imperfeições, olhar o ser humano como ele age no museu, com o museu e pelo museu, em um pano de fundo de uma cidade que ainda se levanta em termos de estima e autoconhecimento, é por demais gratificantes e instigantes.

Não foi um trabalho fácil, pois busquei, junto e estimulado pela orientação, a fugir das obviedades, dos caminhos tranqüilos sem sustos.

Ficou uma frustração de nem todos os questionários remetidos, voltarem preenchidos, pois uma amostra maior daria mais vertentes ao trabalho. O meio eletrônico ao mesmo tempo em que auxilia, ele pode vir a prejudicar. Você conversa

com a pessoa, propõem a entrevista, e ela por questões de tempo prefere dar as respostas on-line, que por vezes infelizmente acaba por não retornar o combinado.

Isto posto, cabe escrever que existem sim correlações entre o Museu Histórico Municipal de São José e o Centro Histórico, que vão além do nome, da localização, dos discursos prontos posto sobre ambos.

As relações vêm do público do museu, dos moradores do Centro Histórico, dos moradores de outras regiões da cidade, da cidade refletida e irrefletida no museu. Do museu e suas ações de convergência e divergências ao que dele se espera. Historicamente e politicamente um espelho da cidade projetada. Mesmo que este projeto não fosse tão fiel a realidade.

Finalizado um Trabalho de Conclusão de Curso, que obviamente finaliza um curso de Graduação, sendo este o de Bacharelado em Museologia, me vejo mais crítico e menos dogmatizado, no que diz respeito ao patrimônio, aos bens musealizados e musealizáveis, a memória produzida, e por que meios e a que fins estas foram produzida.

Enxergar o mundo, onde não se pode fazer um museu de tudo e de todos, com na Geografia, não se pode fazer um mapa em escala um por um, mas pode-se sim olhar processos, a inferir em processos de musealização, tendo consciência dos limites e conseqüências destes processos, me fazem um profissional que se entende melhor, na busca de produzir algo melhor à sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Betina. **Preservação Urbana: gestão e resgate de uma história: patrimônio de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 2002.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- BOURDIEU, P. “A Opinião Pública não existe” In THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica. Investigação social e enquete operaria**. São Paulo, Polis, 1980. Pg 137-151
- CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- \_\_\_\_\_, **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CARTILHA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SÃO JOSÉ . SC – Normas e Diretrizes. 2 ° edição / 2013. Realização Serviço de Proteção ao Patrimônio Artístico e Cultural (SERPPAC).
- CASTELLS, M. **A questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983
- CHAGAS, Mario. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.
- CORSETTI, Beatriz. **Neoliberalismo, memória histórica e educação patrimonial**. In: **CIÊNCIAS & LETRAS-Educação e patrimônio histórico-cultural**. Porto Alegre: Revista da Faculdade Porto Alegrense de Educação. 2000.
- CURY, M. **Os usos que o público faz do museu: a ressignificação da cultura material e do museu**. Musas, V1, n1. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. Pg 88-106.
- DUARTE, Ana. **Educação Patrimonial: guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres**. Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora, 1993.



DUTRA, Soraia Freitas Dutra. **A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto**. 2012. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

ELIADE, Mircea, **O sagrado e o profano** [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos).

FARIAS, Vilson Francisco. **De São José aos Açores – 252 anos – Em busca das Raízes**. Florianópolis: Ed. Do autor, 2002.

GERLACH, Gilberto; MACHADO, Osni Antônio. **São José: breve história da cidade e seu teatro**. Edição especial. São José: Editora Canarinho, 1982.

\_\_\_\_\_. **São José da Terra Firme**. PMSJ Edição. São José, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 2002.

\_\_\_\_\_. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007. Coleção Museu, memória e cidadania.

GONÇALVES, Telma. **Lazer é prazer. Museu dá prazer? Uma análise da relação do morador de Niterói com seu museu de arte contemporânea**. Musas, V1, n2. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. Pg 25-39.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós - modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEITE, Rogério Proença. **Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo**. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH/Unicamp

\_\_\_\_\_. **CONTRA-USOS E ESPAÇO PÚBLICO: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira** REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 17 No 49.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997b

MENESES, Ulpiano Bezerra T. **Educação e Museus: sedução, riscos e ilusões. Ciências e Letras - n.27 (jan./jun.2000) – Educação e patrimônio Histórico-Cultural**. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras.

NEDEL, Letícia Borges. **Breviário de um museu mutante**. Horizontes Antropológicos. vol.11 n°23 Porto Alegre. Jan./Jun 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história a problemática dos lugares**. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

PHILIPPI, João Rômulo de Azevedo. **Patrimônio Histórico ameaçado: a construção do aterro hidráulico-mecânico no mar do Centro Histórico de São José**. Florianópolis, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História – UFSC

PINTO, Suely Lima de Assis. **Museu e arquivo como lugares de memória**. Revista Museologia & Interdisciplinaridade. v. 2, n. 3 (2013). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

SABALLA, Viviane Adriana. **Educação Patrimonial: “Lugares de Memória”**. Revista MOUSEION – volume I (junho / 2007).

SALEM, Tânia. **“Entrevistando Famílias: Notas sobre o trabalho de campo”** In NUNES, E. (org) A Aventura Sociológica.

SANTOS, Boaventura de S.(org). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

SILVA, Tatiana Cristina da. São José: **Patrimônio e Urbanidade**.

Florianópolis, 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFSC

\_\_\_\_\_. **Centro Histórico de São José (SC): Patrimônio e Memória Urbana**. Dissertação de Mestrado Geografia, UFSC, Florianópolis 2006

SOARES, André Luis (Org.). **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: Ed UFSM, 2003.

SOARES, Iaponan. **Estreito, vida e memória de um bairro**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

SOUZA, Thiago de. **São José da Terra Firme ou Simplesmente São José**.

2ª ed. ampliada. Prefeitura Municipal de São José: 1992.

SUGAI, Maria Inês. **Segregação Silenciosa: Investimentos Públicos e Distribuição Sócio-Espacial na Área Conurbada de Florianópolis**. Tese de Doutorado: USP. 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILLAÇA, F. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel, 2001

YUNES, Gilberto Sarkis ; FLORIANO, Cesar. **Identificação e Estratégias de Preservação das Paisagens Culturais da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis**. In: **Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**. Belo Horizonte, FAU-UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tradição e Modernismo na Paisagem da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil**. XII SAL. Concepción: FAC / Universidad del Bío-Bío, 2007

ZUKIN, Sharon (2000), "**Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder**", in Antonio Arantes (org.), **O espaço da diferença**, Campinas, Papirus.

**Anexos:**

## Anexo – 01

## Questionário – TCC – Museologia - UFSC

Nome:

- 1) Qual sua relação com o Centro Histórico de São José?  
 Morador -  Trabalhador –  Visitante –  Somente de passagem
  
- 2) Conhece o Museu Histórico Municipal de São José?  
 Sim –  Não –  Pouco –  Nem sabia que existia
  
- 3) Por que atualmente chamamos este bairro de Centro Histórico? Existe outro centro na cidade de São José? Na nomenclatura distrital da Prefeitura Municipal este bairro é somente Centro.  
 Sim –  Não –  Talvez –  Não conheço a história da cidade
  
- 4) Sendo que você respondeu que existe outro centro na Cidade, qual Bairro seria?  
 Kobrasol –  Barreiros –  Campinas –  Beira- mar –  Não existe outro centro
  
- 5) O que é centralidade para você? No Centro Histórico de São José existe centralidade?  


---



---
  
- 6) No tocante o seu conhecimento do centro histórico e do museu histórico, você percebe relação entre os dois?  
 Sim –  Não –  Pouco –  Talvez –  Muita relação  
 Caso a sua resposta foi esta última, qual seria?  


---



---
  
- 7) Que outros pontos têm relação com o centro histórico? Marque quantos quiser.  
 Casa de cultura (antiga casa da câmara e cadeia) –  atual Câmara municipal –  Igreja –  Sobrado Gerlach (atual FMCTSJ e Biblioteca) –  Bar do Toninho -  Casarios da Rua Gaspar Neves –  Praça Hercílio Luz –  Praça Arnaldo Souza –  Ginásio de Esportes
  
- 8) Dos pontos citados acima, você julga que algum deles tem maior correlação com o Centro Histórico do que o Museu?  sim –  não – Por quê?

## Anexo – 02

Demonstrativo de público no MHMSJ entre Janeiro e Setembro de 2013.

**Público Avulso**

Item/mês	Jan	Fev	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Localidade	01	05	40	56	07	33	11	08	38
Escolaridade	00	04	77	100	19	41	55	35	137
Faixa Etária	00	03	51	62	05	41	10	22	92

Total – 199 visitantes avulsos – Localidade (não identifica sua cidade)

Total – 468 visitantes avulsos – Escolaridade (não identifica seu nível de instrução)

Total – 286 visitantes avulsos – Faixa Etária (não identifica sua idade)

**Público que não está computado na assinatura de visitação como grupo escolar:**

Público não escolar	Jan	Fev	Março	Abril	Mai	Jun	Jul	Agost	Set
	42	61	117	130	52	108	139	73	119

**Total (que assinaram distintamente de grupo escolar): 841 visitantes**

**Total de Público (assinado com grupos escolares): 1413 visitantes**

**Total geral de visitação ao MHMSJ (jan a set): 2254 visitantes**

Anexo – 03 (Folder 2010/11)



Vista da sala de mobiliário que pertenceram à antiga Prefeitura e Câmara de Vereáveis. (foto: Marcelo Pinheiro)



Charrua (Coche) do século do século XIX que pertence ao casal Américo, grão proprietário de terras na região do Bairro Itacorubi. (foto: Marcelo Pinheiro)

Acto Fidei Carta de João Luís Pereira de Mello datada de 8 de maio de 1908. (arquivo Museu Histórico Municipal de São José)

## Exposição Permanente

O Museu Histórico Municipal possui um acervo eclético, com uma temática voltada para São José, abrangendo mais de 250 anos da história da região.

## Exposições temporárias

O Museu Histórico Municipal disponibiliza para a comunidade um espaço de 52 m<sup>2</sup>, para exposições temporárias.

## Sector Educativo

O Museu Histórico Municipal oferece visitas monitoradas por professores qualificados, destacando a história do município e datas do calendário cívico, atendendo os alunos com atividades lúdicas e pedagógicas. Escolas e grupos devem agendar as visitas previamente, pelos telefones (48) 3247 0059 ou (48) 3259 7932.

**Acesso**  
Ônibus que passem pelo Centro Histórico de São José.

**Funcionamento**  
De segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h, com entrada franca.



**São José**  
PREFEITURA MUNICIPAL

## Localização

Museu Histórico Municipal de São José  
Rua Gaspar Neves, 3175  
Centro Histórico - São José - SC  
CEP 88103-250  
Fone (48) 3247-0059 | 3259-7932  
E-mail: museu@ctpmjsj.sc.gov.br



Fachada do sobrado construído no final do século XVIII que serviu de residência da família Ferreira de Mello. Sede do Museu Histórico Municipal de São José. (foto: Marcelo Pinheiro)

## Museu Histórico Municipal de São José

## Histórico de São José

Há poucas informações sobre a localidade de São José do período anterior à chegada dos colonizadores açorianos. Entretanto, a presença de diversas populações indígenas na região, que os precederam por vários séculos, é atestada por vestígios arqueológicos, pelos registros dos navegadores, dos missionários e pelos relatos de vicentistas em busca de ouro e do aprisionamento dos pacíficos nativos para as lavouras nordestinas de cana-de-açúcar, que os fez desaparecer do litoral, já no século XVI.

No século XVIII, no ano de 1750, reiniciou-se a povoação efetiva, com a chegada de casais que faziam parte dos milhares de açorianos que deixaram o seu arquipélago em busca de uma vida melhor, instados pela coroa portuguesa interessada em ocupar o sul do Brasil. Depois de apartarem na antiga Desterra, hoje Florianópolis, instalaram-se na parte continental frente à ilha, denominando-a de São José da Terra Firme, onde elevaram um cruzeiro e as primeiras habitações, no que deu início ao centro histórico da cidade. A partir dele desenvolveu-se uma próspera comunidade, com intensa atividade agrícola e comercial.

Em 1829, São José ganhou o aporte dos imigrantes alemães, que criaram a primeira colônia germânica catarinense, São Pedro de Alcântara.



Aparelhos trigonométricos construídos como o primeiro da cidade de São José. Sua procedência é inglesa e datada de 1850. (foto: Marcelo Pinheiro)

Durante muito tempo, os limites de São José estendiam-se até Lages. De seu antigo território originaram-se os municípios de Palhoça, Angelina, Rancho Queimado, Bom Retiro, Santo Amaro da Imperatriz, Paulo Lopes, São Bonifácio, Ituporanga, Alfredo Wagner, Anitópolis, Águas Mornas, Petrolândia, Imbituba, Atalanta e São Pedro de Alcântara.

Nas últimas décadas, São José vem passando por um processo de crescimento contínuo, evidenciado no aumento significativo da sua população, que já passou de 200 mil habitantes e na grande expansão do parque industrial, dos setores de comércio e de serviços. Atualmente, ocupa a posição de um dos maiores e melhores municípios catarinenses, em todos os índices que se considere. Além de se tornar uma cidade promissora para qualquer empreendimento, pelo forte investimento no social, São José demonstra o seu compromisso com a qualidade de vida dos que nela vivem.

## Histórico do Sobrado

O prédio que abriga o Museu Histórico Municipal de São José foi construído entre o fim do século XVIII e o início do XIX.

É um sobrado de arquitetura tipicamente tradicional: colonial luso-brasileira. O andar superior destinava-se à moradia e o inferior, ao comércio. Foi tombado pela Lei Estadual nº 5846/1980, restaurado em 1984 e aberto à visitação em 1988. Pertenceu à família de Luiz Ferreira do Nascimento Mello, político destacado, que chegou à presidência da Província de Santa Catarina.

O Casarão testemunhou vários acontecimentos de relevância histórica, como a elevação da freguesia à categoria de vila (município), a instalação da sede da Guarda Nacional e do Governo Provisório do Estado no curso da Revolução Federalista e a assinatura do Termo da Instituição da República do Estado de Santa Catarina.

## Museu e a Comunidade

O Museu Histórico Municipal tem como objetivo registrar a memória de São José, salvaguardando todos os bens patrimoniais, culturais e históricos que ali se encontram. Seu acervo é eclético, bastante diversificado, com objetos de arte sacra, de comunicação, de transporte, de decoração e outros.

Além de dispor o seu acervo à visitação pública, também faz um trabalho social, interagindo com a comunidade, ao promover oportunidades de estudo e de lazer - exposições temporárias, lançamentos literários e outros eventos culturais.



Candelário representando a Divina Espírito Santo, de madeira confeccionada no início do século XX. (foto: Marcelo Pinheiro)



Pilão frito e facão, datado do início do século XX, muito utilizado pelos colonizadores de São José. (foto: Marcelo Pinheiro)

Espada recebida pelo Cel. Luiz Ferreira do Nascimento Mello, no ano de 1845, das mãos do Imperador D. Pedro II. (foto: Marcelo Pinheiro)

Anexo – 04

Texto retirado do folder do MHMSJ – 2011/12.

## **H**istórico do Sobrado

O prédio que abriga o Museu Histórico Municipal de São José foi construído entre o fim do século XVIII e do início do XIX.

É um sobrado de arquitetura tipicamente tradicional: colonial luso-brasileira. O andar superior destinava-se à moradia e o inferior, ao comércio. Foi tombado pela Lei Estadual nº 5846/1980, restaurado em 1984 e aberto à visitação em 1988.

O casarão testemunhou vários acontecimentos de relevância histórica, como a eleva o da freguesia   categoria de vila (município), a instala o da sede da Guarda Nacional e do Governo Provisório do Estado no curso da Revolu o Federalista e a assinatura do Termo da Institui o da República do Estado de Santa Catarina.

## **M**useu e a Comunidade

Museu Histórico Municipal de São José tem como objetivo registrar a memória de São José, salvaguardando todos os bens patrimoniais, culturais e históricos que ali se encontram. Seu acervo   eclético, bastante diversificado, com objetos de arte sacra, de comunica o, de transporte, de decora o e outros.

Além de dispor o seu acervo a visita o pública, também faz um trabalho social, interagindo com a comunidade ao promover oportunidades de estudo e de lazer, exposi es de curta dura o de artes plásticas, lançamentos literários outros eventos culturais.

## **E**xposi o de Longa Dura o

O Museu Histórico Municipal de São José possui um acervo eclético com uma temática voltada para São José, abrangendo mais de 250 anos da história da região.

## **Exposições de Curta Duração**

O Museu Histórico Municipal de São José disponibiliza para a comunidade um espaço de 52m<sup>2</sup>, para exposições de curta duração.

## **Sector Educativo**

O Museu Histórico oferece visitas monitoradas por professores qualificados, destacando a história do município, as datas do calendário cívico e realizando a mediação entre o acervo e o público, atendendo os alunos com atividades lúdicas e pedagógicas.

Escolas e grupos devem agendar as visitas previamente, pelos telefones (48) 3247 0059 ou (48) 3259 79 32.

## **Acesso**

Ônibus que passam pelo Centro Histórico de São José.

## **Funcionamento**

De segunda a sexta feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h, com entrada franca.

## **Localização**

Museu Histórico Municipal de São José

Rua Gaspar Neves, 3175

Centro Histórico - São José – SC

CEP: 88103-250

Fone (48) 3247 0059/ 3259 7932

E- mail: [museu.fmct@pmsj.sc.gov.br](mailto:museu.fmct@pmsj.sc.gov.br)



Anexo – 05

Convite da Exposição

Exposição artística  
263 anos de SÃO JOSÉ – Uma Cidade Imperial



*cipriano*

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ

A Prefeitura Municipal de São José por intermédio da Fundação de Cultura e Turismo e do Museu Histórico de São José convidam V.Sa. e Exa. Família para a exposição

263 anos de SÃO JOSÉ – Uma Cidade Imperial

do artista plástico José CIPRIANO da Silva.

Cipriano faz um resgate cultural, histórico e arquitetônico dos templos, patrimônios e folclore da cidade visitada em 1845 por Dom Pedro e Dona Teresa Cristina, da corte imperial. Fruto de uma pesquisa que durou vários meses, as 21 telas que compõem a mostra nos brindam com um passeio a essa bucólica São José - terra natal do artista.

**Abertura: 18/março - 19:30 h. Visitação: 19/março a 05/abril - 09:00 às 19:00 h.**

Local: Museu Histórico Municipal de São José - Rua Gaspar Neves, 3175 - Centro Histórico - São José - SC

Contatos com o artista: (48) 9121-7477 / 3222-8096



Anexo – 06

Mapa do Município de São José – Bairros.



<http://pensamentogl.blogspot.com.br/2013/03/mapa-de-sao-jose-e-bairros.html>

Acesso em 10/10/2013.

Anexo – 07

Mapa do Município de São José – Bairros.



Bairros Centro, Praia Comprida e Ponta de Baixo, são os primeiros a serem habitados.

Bairros Fazenda Santo Antônio e Roçado, são os primeiros locais destinados a agricultura.

Bairros Campinas e Kobrasol, são os atuais “centros” de serviço e habitação de alto nível na cidade.

## Anexo – 07

Foto aérea do Município de São José – Bairro Centro Histórico.



Nesta foto podemos ver o local “inicial” da cidade. Onde temos o mar, a Igreja (B) e a praça (C). Em seu entorno temos os seguintes locais: Beco da Carioca (local de água e lavação de roupas), Museu, Casa de Cultura, Igreja do Bonfim., Praça Arnoldo Souza (com o monumento a colonização açoriana). E quebrando o viés histórico, a atual Câmara Municipal (de costas pro mar), ginásios de esportes, e posto de saúde (que tenta imitar o estilo de construção colonial).

Anexo – 08

Imagens do Município de São José – Bairro Centro Histórico.



Rua transversal



Cortejo da Festa do Divino Espírito Santo (no fundo Museu Histórico).



Museu Histórico – externo



Museu Histórico – interno



Centro Histórico – Igreja (torre), vegetação e mar.



Museu Histórico – externo frontal (entrada).





Casa de Câmara e Cadeira (atual Casa de Cultura) e Theatro Municipal Adolfo Mello.